

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1131	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 37
Portugal (franco de porte) m. forte...	35000	12000	4000	120	30 de Maio de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	45000	25000	8000	120		
Extrangeiro e India.....	55000	25000	8000	120		

Os Novos Reis de Inglaterra



SUA Magestade o Rei Jorge V



SUA Magestade a Rainha Maria

(De fotografias enviadas de Londres)

CHRONICA OCCIDENTAL

Mais uma vez o premio Valmôr foi conferido ao illustre architecto Ventura Terra, que a elle concorrera com um projecto de casa rica encomendado e mandado executar pelo abastado negociante sr. Henrique de Mendonça.

A chronica regista gostosamente o facto, dando os parabens ao architecto, ao proprietario do predio, e á cidade de Lisboa que mais embelezada fica; mas pde licença para fazer uma pergunta, que é a seguinte: estará no criterio de quem é chamado a conferir este premio uma vez em cada anno o proposito de só o destinar a projectos de casas ricas?

Se não está, bom é que isso se diga, se saiba e se espalhe, afim de vermos se é possível estimular-se os talentos dos nossos architectos no sentido de poderem disputar o premio com alguns projectos para casas pobres.

Não obstante as innumeradas construcções que se têm erigido e estão erigindo na vasta área de Lisboa, não se póde dizer que seja desafogada e satisfatoria a situação da maioria dos seus habitantes no tocante ao domicilio.

Sabe-se como a população da capital, dado o concurso de circumstancias várias, tem progredido consideravelmente, e assim se explica que os novos predios, que á primeira vista pareceriam superabundantes, encontram desde logo uma ávida inquilinagem, pronta a preencherlos.

Todavia, sabe-se tambem como a sôrte do inquilino lisboeta é oppressora, sobretudo para as classes desprotegidas da fortuna. As casas destinadas á gente pobre são relativamente as mais acanhadas e insalubres; mas as classes remediadas e de poucos haveres não luctam a este proposito com menos difficuldades, pois ainda se não adoptou, em vasta escala, um plano de edificações que corresponda ás exigencias mais comensuradas da vida usual.

A felicidade, na accepção rigorosa do termo, é um mytho. Procuramol-a toda a vida e não a encontramos. Mas existe a felicidade relativa, e possuil-a é um bem que só se aprecia, em toda a sua extensão, quando, possuindo-a, temos a desdita de a perder.

Um dos elementos essenciaes que actuam no bem-estar do homem é a habitação higienica, a habitação que reúne todas as condições que a moderna sciencia exige. Proporcionar á gente pobre uma casa confortavel é fazer um largo passo no caminho da regeneração fisica das classes menos protegidas da fortuna.

Algumas nações, como a Russia e a Baviera, têm subsidiado com importantes verbas a construcção de casas higienicas para renda barata; outras, como a Inglaterra e a Allemanha, dedicam constantemente ao assunto todo o interesse e ampla protecção.

Em Portugal muito se tem falado, e de vez em quando volta-se a falar na construcção de casas para gente de recursos humilides; até mesmo nas camaras já se lhes deu a feição mais pratica de projecto de lei, como ainda aconteceu ha seis annos, e um governo houve que inscreveu no seu programma de administração medidas que com isso se relacionavam. Mas, a respeito de dar ás boas intenções a forma pratica, temos conversado!

Antes de mais nada, quem quizer, a sério, desinvolver as habitações baratas, terá a necessidade de conceder aos constructores vantagens apreciaveis, como exoneraciones sensiveis de impostos, facilidades para a obtenção de emprestimos a juros modicos, etc.

Um dos impostos a suprimir, talvez o primeiro, seria o que paga hoje o inquilino sobre a renda de casa, imposto que é tudo quanto ha de mais injusto e absurdo, por incidir sobre o que pagamos e não sobre o que recebemos. Ainda os ricos o pódem pagar sem grave desequilibrio na sua economia; mas o pobre, que na angustiosa maioria dos casos chega aos dias 20 de maio e 20 de novembro sem saber aonde ha de ir buscar os meios para se livrar da divida que teve de contrair, ou para tirar do *prégo* o que lá foi deixar como penhor?

Não nos embrenhemos, porém, nos dominios da fantasia com respeito ao que poderia ou poderá fazer o Estado e os seus governos, no sentido de proteger as classes pobres no capitulo de habitações baratas. Cinjamo-nos sómente ás circumstancias em que o problema se nos apresenta actualmente.

Diz-se, e parece ser verdade, que a hygiene é hoje mais util para a victoria dos paizes do que

as esquadras, os exercitos, os sistemas administrativos, dado que ella põe o homem ao abrigo de inimigos irreconciliaveis. Ella é-lhe tão essencial como o alimento e a luz.

O problema de construir casas em que as familias pobres tenham as precisas condições de espaço, de salubridade, de conforto e de independencia, tem dado e dará muito que fazer.

Para achar as dimensões e a distribuição interior das casas dos operarios é preciso estabelecer como base o estudo das condições de existencia das familias, os seus habitos, as suas necessidades reaes.

Disse já um illustre higienista e grande entendido em questões sociaes, que a maior difficuldade do problema está, talvez, em consagrar-se o principio de que a casa para familias pobres deve ter sómente o preciso para attender as necessidades d'ella. Sobretudo é do melhor aviso fugir á tentação de copiar as casas pretenciosas e alambicadas dos que na riqueza não passam da meitijela. Ter um bocadinho de sala de visitas, um bocadinho de casa de jantar, um bocadinho de escriptório, um bocadinho de quarto de creada, um bocadinho de tudo emfim, sem que essas dependencias tenham as condições precisas, não presta para nada, nem augmenta a salubridade da habitação, antes a aggrava ou a compromette. Ter menos *commodos* mas tê-los verdadeiramente commodos, é que é tudo.

Depois, pergunta-se: e porque não hão-de ter as casas para os pobres o seu aspecto esthetico, agradável quanto possível na sua barateza e na sua simplicidade. Pois não póde, visto como em tudo o mais, harmonisar-se o bom-gosto com a escassez do dinheiro? Porventura é a esthetica privilegio da opulencia?

Aqui têm os nossos architectos um caso para o qual a chronica toma a liberdade de chamar a sua preciosa attenção, na boa esperanza de que um dia, mais cedo ou mais tarde, o alvitre ha de ter quem d'elle tire estímulo para alguma coisa de proveitosa, em beneficio dos menos favorecidos da fortuna, representada sob a forma da moeda corrente, e para regalo de quantos tenham olhos que se regosigem com as melhorias da vida, no sentido da exteriorisação do bello.

JOÃO PRUDENCIO.

OS NOVOS REIS DE INGLATERRA

Desde o dia 7 do corrente que, por morte de Eduardo VII, ocupa o trono dos Reinos Unidos da Gran-Bretanha e Irlanda, seu filho Jorge V, herdeiro da corôa por morte de seu irmão mais velho, duque de Clarence, occorrida em 1892.

O principe de Galles, Jorge Frederico Ernesto Alberto, agora rei da Gran-Bretanha, Irlanda e imperador das Indias, nasceu em Marlborough, a 3 de junho de 1865, e possui mais os titulos de duque de Cornwall, de York e de Rothsay, de conde de Chester, de Carria e de Inverness, barão de Renfrew e de Killarney, senhor das Ilhas e Grão Mestre de Escocia.

Doutor honorario em direito da universidade de Londres, membro da camara alta, general e almirante, tendo seguido a carreira de marinha, em que entrou como cadete, em 1877, iniciou sua primeira viagem de instrução a bordo do *Britannia*.

A seguir a esta fez uma viagem de circumnavegação no *Bacchante*, e em 1883 embarcou, já guarda marinha, no couraçado *Canada*, sendo promovido a tenente dois annos depois.

Em 1886 esteve em Lisboa onde veio por parte da rainha Victoria, assistir ao casamento do, então, principe D. Carlos com a princesa Maria Amelia de Orleans. Nessa ocasião estava embarcado na esquadra do Mediterraneo, vindo de Gibraltar ao Tejo num *yacht* de recreio, desempenhar-se da alta missão.

Em 1890, nomeado comandante da canhoneira *Trusk*, seguiu para as Indias Occidentaes e ali inaugurou a Exposição Industrial da Jamaica. De volta desta viagem visitou a Irlanda, onde adoeceu gravemente. Restabelecida a saude, empreendeu uma viagem á India inglesa, percorrendo todos os estados onde a sua visita foi muito festejada.

A morte do principe Clarence, em 1892, veiu interromper a sua carreira de marinha, a que se dedicara praticamente com o maior interesse, fazendo-o mudar a orientação dos seus estudos na expectativa de vir a ser um dia rei de Inglaterra.

Em 6 de julho de 1893 casou com a princesa de Teck, Victoria Maria Agostinha Luísa Olga Paulina Claudina Ignez, filha do duque Francisco de Teck, a qual nasceu no palacio de Kensington, em Londres, a 26 de maio de 1867. A esposa de Jorge V, sendo filha do duque de Teck e de uma irmã do falecido duque de Cambridge, tio de Eduardo VII, é por isso prima de seu marido.

Deste casamento tem havido seis filhos: Eduardo, que nasceu a 23 de junho de 1894, duque de Cornwall e hoje principe de Galles; principe Alberto, que nasceu a 14 de dezembro de 1895; princesa Victoria Alexandra, que nasceu a 25 de abril de 1897; principe Henrique, que nasceu em 1900; principe Jorge, nascido em 1902, e principe João, nascido em 1905.

O rei Jorge V tem tido uma vida toda de familia, entregue aos cuidados da educação de seus filhos, concentrando-se no seu lar e nos seus estudos, assistindo repetidas vezes ás sessões da camara alta, seguindo sempre com o maior interesse os assuntos que ali se debatem.

Se é grande a perda que a Inglaterra sofreu com a morte de Eduardo VII, essa perda terá a sua atenuante no novo monarca, que tudo indica ser um digno continuador de seu pae, acaso, com menos experiencia do que este, mas dotado das qualidades precisas para ser um bom rei constitucional a quem não falta a prudencia que lhe dá o seu bom senso e a natural bondade de caracter acrescida da grande illustração do seu espirito.

Isto se depreende do discurso que o novo rei fez, em seguida a assinar a proclamação, perante o conselho privado, em S. James. Nesse discurso breve, prometeu seguir em tudo o exemplo de seu pae, mantendo plenamente a constituição.

Os funeraes de Eduardo VII

A morte de Eduardo VII produziu em todo o mundo civilisado que lhe reconhecia os merecimentos, profunda impressão, e todas as nações se apressaram a enviar as suas condolencias á maior nação do mundo, pela perda do grande monarca que tanto se empenhava em garantir a paz geral, como a mais pronunciada aspiração do seu coração generoso e bom.

Essas primeiras demonstrações de sentimento tornaram-se mais efetivas e solemnes com a representação das nações, nos funeraes de Eduardo VII, pelos seus monarcas e principes, que foram a Londres apresentar pessoalmente suas condolencias á familia real inglesa e tomarem parte nas ceremonias fúnebres.

Na côrte inglesa se reuniram para esse efeito Guilherme II, imperador da Alemanha; D. Affonso XIII, de Espanha; D. Manuel II, de Portugal; Alberto I, da Belgica; Frederico VIII, da Dinamarca; Haakon VII, da Noruega; Jorge I, da Grecia; Gran-duque Miguel Alexandrovitch, da Russia; Arquiduque Francisco Fernando, da Austria; Duque de Aosta, da Italia; principe Henrique, da Prussia; Gran-duque Adolfo de Mecklembourg-Strelitz; principe Fernando, da Roumania; principes Constantino e Cristovão, da Grecia; principe Filipe de Saxe-Coburgo; principe Alexandre, da Servia; duque Alberto, de Wurtemberg; ex-presidente Roosevelt, dos Estados Unidos do Norte.

Todas Estes altas personagens foram recebidos pelo novo rei Jorge V com as maiores deferencias, na côrte inglesa, não podendo nós deixarmos de especialisar a distincção e carinho com que o rei Jorge acolheu muito particularmente o monarca português dando-lhe a preferencia em todos os logares e actos publicos e particulares, tendo ido á estação do caminho de ferro recebê-lo, como aliaz recebeu todos os representantes principescos das potencias, e dando-lhe alojamento no palacio real de Buckingham.

El-Rei D. Manuel, visitando o rei Jorge, condecorou-o com as bandas das tres ordens portuguesas, trocando-se nessa occasião as palavras mais afetuosas entre os monarcas das duas nações, cuja aliança secular mais e mais se tem estreitado nos ultimos annos graças á influencia conciliadora de Eduardo VII.

O rei Jorge poz particular empenho em que os funeraes de seu pae revestissem a maior imponencia, á altura do falecido monarca que tanto merecera da patria pela sabedoria do seu reinado, engrandecendo-a ainda mais aos olhos de todo o mundo.

Os funeraes de Eduardo VII



EXPOSIÇÃO DO CORPO DE EDUARDO VII NA ABADIA DE WESTMINSTER HALL, CHEGADA DO CORTEJO FUNEBRE

(Do *The Sphere*)

Assim, as ceremonias assumiram as proporções das maiores pompas funebres.

O cortejo, que acompanhou o cadaver de Eduardo VII para a sua exposição ao publico na grande abadia de Westminster Hall, foi da mais extraordinaria imponencia que se terá presenciado em actos semelhantes, e para isso bastará notar a assistencia de tantos reis e principes que nelle tomaram parte, acompanhando S. M. Jorge V e a familia

real inglesa. Se o cortejo era numeroso não menos numerosa era a concorrencia de povo que affluu ás ruas do trajeto, todos de rigoroso luto e num recolhimento proprio do acto a que assistia.

Via-se ali bem o grande sentimento da nação inglesa pela morte do seu rei que ella com tanta justiça apreciava.

Esse povo desfilou durante tres dias pela frente da éça em que estava collocada a urna com o

cadaver de Eduardo VII na grande abadia de Westminster.

A condução do cadaver para o castelo de Windsor, onde ficou depositado, realisou-se no dia 20, e do que foi essa ultima jornada para o tumulo, nos occuparemos no proximo numero acompanhando-a com os instantaneos que aguardamos de Londres e que não nos chegam a tempo de reproduzirmos neste.

Exequias a Eduardo VII na Capela Anglicana de S. Jorge, em Lisboa



MEMBROS DA COLONIA INGLESA SAHINDO DA CAPELA DE S. JORGE—S. A. O PRINCEPE REGENTE D. AFFONSO, PRESIDENTE DO CONSELHO, SIR WILLIERS MINISTRO DE INGLATERRA E REVERENDO DR. LEWIS, NA CAPELA DE S. JORGE

(Instantaneos do sr. A. Lima)

Exequias a Eduardo VII na capela anglicana de S. Jorge, em Lisboa

No mesmo dia que em Londres eram prestadas as ultimas honras funebres a Eduardo VII, conduzindo o seu corpo para o Castelo de Windsor, realisava a colonia inglesa residente em Lisboa, solennes exequias ao falecido rei, na sua capela anglicana do Cemiterio dos Ingleses.

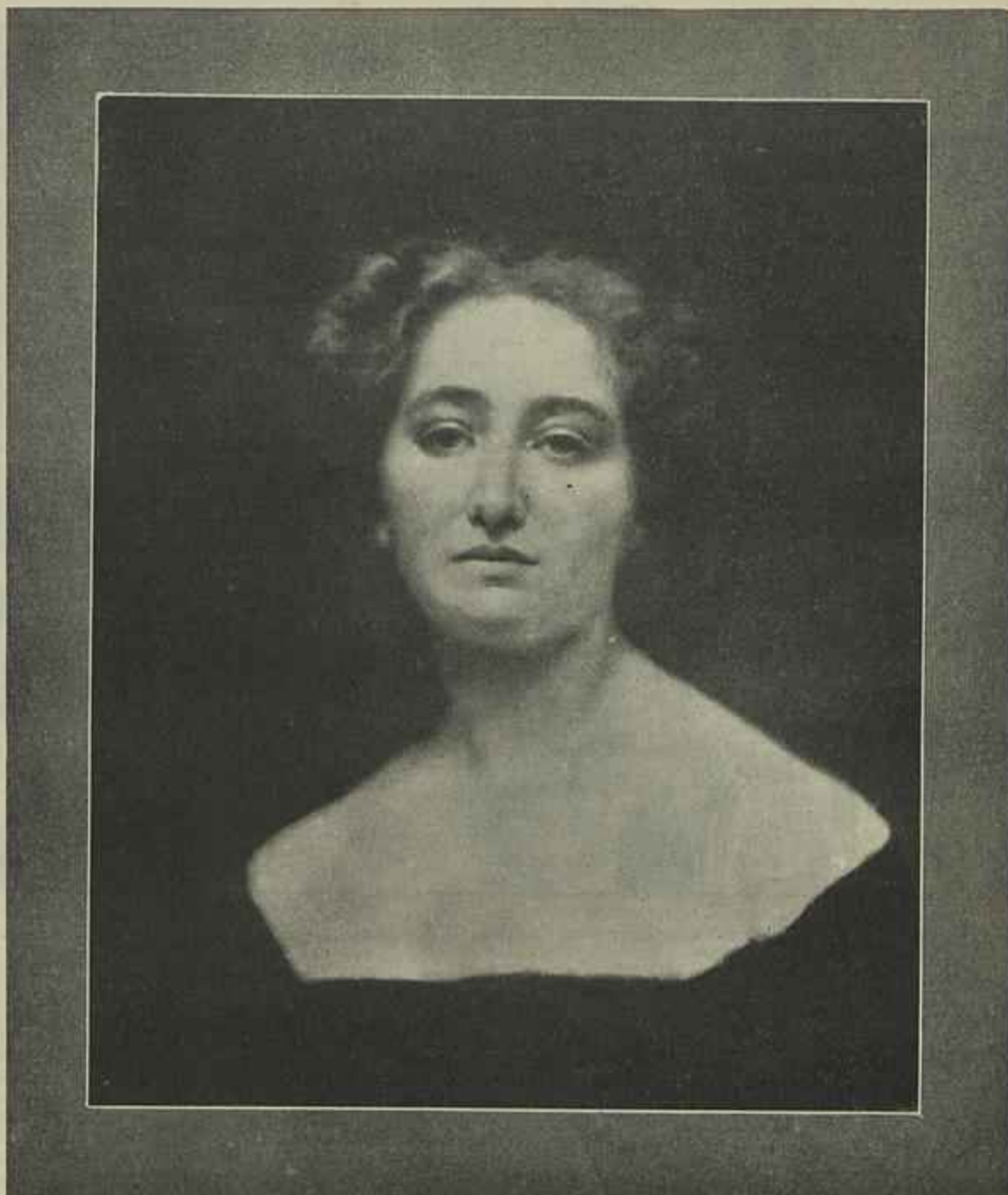
Foi uma cerimonia tocante a que assistiram os principaes membros da colonia presidida por *sir Villiers*, ministro de Inglaterra nesta corte, e que Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia e Sua Alteza o Principe Regente D. Alfonso, honraram com a sua presenca, fazendo-se tambem representar a Rainha Senhora D. Maria Pia, pelo sr. marquês de Bellas. Compareceu tambem o ministerio, todo o corpo diplomatico residente em Lisboa com o pessoal das legações, ministros de estado honorarios, pares e deputados, officiaes superiores do exercito e da armada, altos funcionarios civis, membros da aristocracia portuguesa, representantes de varias associações do comercio e da industria, etc., o que tudo deu aquelle acto religioso uma grande significação de sentimento pela morte do chorado monarca e de respeito pela sua memoria.

Oficiou o rev.^o dr. Lewis que, depois de cantados os hinos por um coro de senhoras da colonia e de recitados os psalmos do rito, subiu á tribuna onde pronunciou o elogio funebre do falecido monarca, exalçando as qualidades da sua alma e coração bom de rei e de homem amante da paz, referindo-se tambem e especialmente á sua sincera amizade ao falecido rei D. Carlos, continuada em seu filho o sr D. Manuel, que aquella hora assistia em Londres ás ultimas homenagens que ali eram prestadas ao grande rei Eduardo.

Na cidade do Porto, onde a colonia inglesa é tambem numerosa, e tem uma capela anglicana, no Campo Pequeno, houve os mesmos serviços religiosos, como em Lisboa, a que assistiram os ingleses residentes naquella cidade, comparecendo o consul inglês e corpo consular, camara municipal, autoridades civis e militares e representantes de corporações do comercio e da industria, revestindo o acto grande solemnidade.

No Porto, como em Lisboa, os estabelecimentos commerciaes cerraram suas

Exposição da Sociedade de Belas-Artes, do Porto



RETRATO DE MADEMOISELLE BRAMÃO — *Quadro de João Augusto Ribeiro*



AO FIM DA TARDE — *Quadro de Candido da Cunha*

portas, no dia do funeral de Eduardo VII, tendo o governo portuguez decretado feriado para todas as secretarias e mais estabelecimentos do Estado, e que os serviços militares e de policia fossem feitos de grande uniforme e as bandeiras em funeral.

A nação portuguesa, com estas publicas manifestações de sentimento, acompanhou a sua velha aliada na dor que a feriu pela perda do seu benemerito soberano.



Exposição da Sociedade de Belas-Artes do Porto

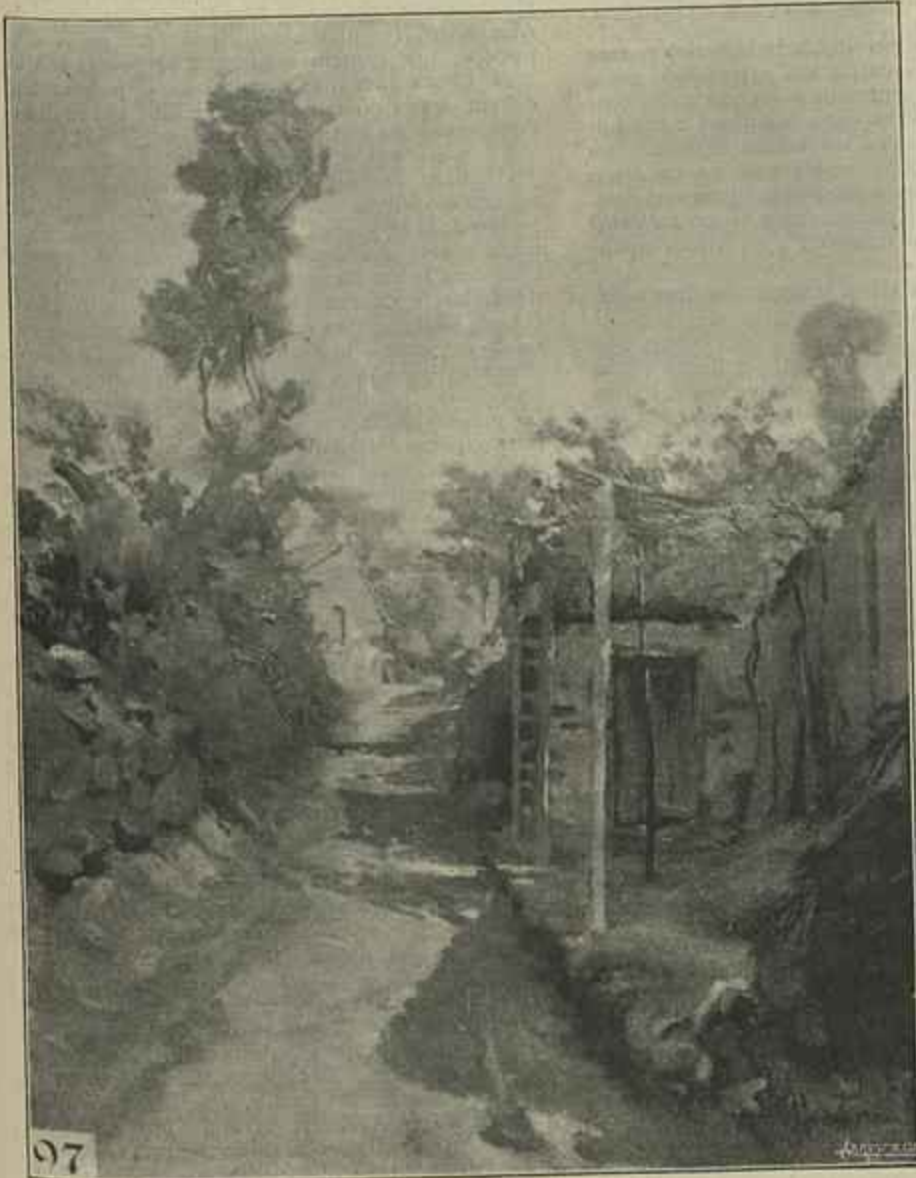
E' a terceira exposição que esta sociedade realisa, e ainda bem, porque mostra assim a vida que a anima no proseguimento, já hoje, glorioso da sua carreira, tornando realidade o que ainda ha pouco seria uma aspiração.

De anno para anno vem melhorando suas forças, e muitos que hontem seriam uns novos, apresentam-se agora artistas conscientes dos seus recursos, numa grande afirmação de progresso, que se impõe e seguramente demove os mais indifferentes ás coisas de arte.

Ali se vêem trabalhos de artistas como João Augusto Ribeiro, que na exposição do anno passado se notabilizou com um retrato do sr. Jules Cordeweener (1), marcando-lhe um dos primeiros logares entre os nossos pin-

(1) Vid. OCCIDENTE, vol. XXXII, 1909, pag. 123, n.º 1096.

Exposição da Sociedade de Belas-Artes, do Porto



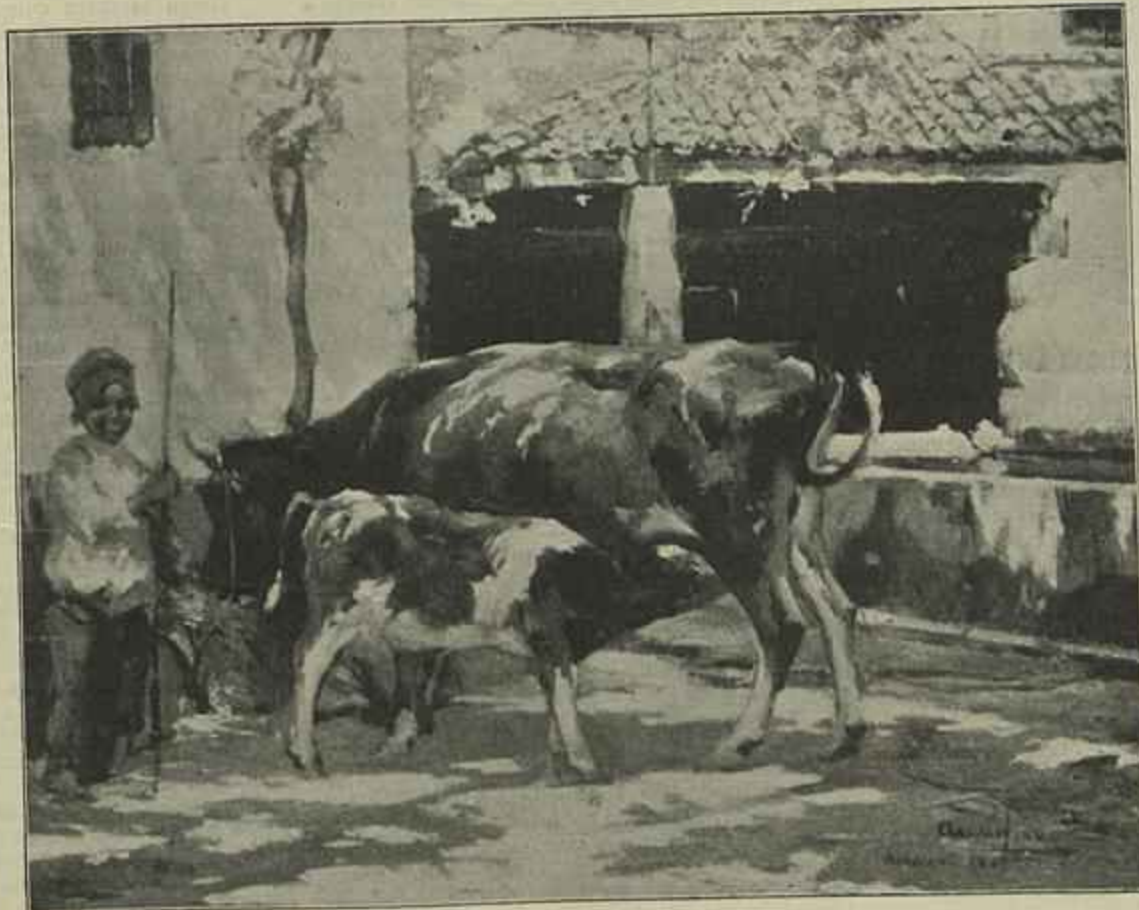
CANINHO DA ALDEIA (ARRIFANA)
Quadro de D. Sofia Martins de Sousa



BUSTO DE S. M. EL-REI D. MANUEL II
Escultura de D. Ada da Cunha

tores retratistas mais notáveis, confirmando agora este assêrto com os bellos retratos de M.^{lle} Bramão, superiormente pintado com limpidez de tintas que lhe imprime toda a frescura e beleza da mocidade, e o do pintor Candido da Cunha, de mais larga fatura, mas de uma grande firmesa de linhas de desenho seguro. Deste artista destacam-se ainda duas cabeças de estudo, dum pescador e duma velhinha, de notavel expressão tipica, além das suas paisagens, de larguêsa um tanto demasiada, deixando-se levar na onda moderna da pintura realista ou impressionista, como lhe chamam, e que está fascinando tantos pintores de agora, mas que não passam de simples manchas, esbocetos, que em nossa consciencia não podemos considerar quadros acabados.

Outro artista, Candido da Cunha, notabilisa-se nos seus qua-



NO MEU QUINTEIRO — Quadro de Acacio Lino

dro de paisagem, bem procurada em suas linhas de composição e desenho, servidas por uma paleta suave e de tons seguros, preferindo os efeitos melancolicos da luz, nas horas mais tranquilas dos campos, quando o sol despede seus ultimos beijos de cada dia á rolante Terra, na sua continua rotação.

E' a característica deste pintor, tal como se observa nos seus quadros, de que destacamos, ao acaso, *Ao fim da tarde* e *Tranquillidade*, que são obra de um poeta da paleta, repassados de sentimento e de verdade.

José de Brito é dos artistas que tem seu nome feito e de ha muito vem concorrendo ás exposições de arte. Ama sobre tudo os quadros, chamados de genero, compondo cenas de costumes, fixando na tela usos e tipos da vida portuguesa por essas lindas terras do norte.

¶ Não parece que fôsse muito feliz com o

quadro que apresenta, *A cosinha do sr. abade*. Ha exigencias da perspectiva e minuciosidades, que difficilmente se podem obter seguras ás primeiras pinceladas sem um prévio e demorado estudo. Mas na bagagem deste artista ha produções de valia que o absolvem desta agora menos feliz. Sem sahir da exposição, ali se encontram uns desenhos seus a pastel de bños efectos de paisagem.

De Julio Ramos vêem-se algumas paisagens apreciaveis, assim como de duas pintoras, D. Aurelia de Sousa e D. Sofia Martins de Sousa, que nos dizem serem duas irmãs que cultivam com resultado a pintura. O *Caminho da aldeia* é feito com grande sobriedade de processo, realisando perfeitamente a perspectiva aerea, de modo que o caminho se alonga efétivamente aos olhos do observador. E' esta uma qualidade pouca vulgar nos quadros de hoje, como já notámos, em relação ás excessivas larguezas de fatura e esbanjamento de tintas.

Accacio Lino apresenta-se um pintor animista, genero difficilimo e por isso pouco cultivado. Entretanto o seu quadro *No meu quinteiro*, tem qualidades apreciaveis, em que a de não menor valor é o desenho bem firmado e a composição natural.

Um pintor novo se apresenta, Paulino Gonçalves, dedicando-se á paisagem, sendo seus quadros: *Manhan de março*, *Foz do rio Ave*, *Fim da tarde e Calçada do Rego Lameiro*. Estes quadros são promessas auspiciosas de um artista que póde ter bom futuro.

Uma senhora, D. Olivia Barros Guimarães, se apresenta pela primeira vez nesta exposição, com alguns quadros: *Interior*, *Natureza morta*, *Claustro da Sé*, *Pateo de Santa Clara e Fabricando flores*. São generos diversos, que denotam uma apreciavel amadora.

Ainda se encontram mais alguns trabalhos de pintura nesta exposição, firmados por Almeida e Silva, artista viense já muito conhecido e apreciado pela minudencia do seu pincel. O sr. Huguierim, cujas paisagens são louvaveis tentativas dignas de apreço, assim como de outros expositores que concorrem ao certamen numa justa aspiração de contribuirem com as primicias da sua arte.

Em esculptura apresentam-se a sr.^a D. Ada da Cunha e Julio Vaz. A primeira expõe um busto de El-Rei D. Manuel e, um *Busto de Criança*, trabalhos que sustentam bem o nome que esta novel escultora já creou com o seu talento; Julio Vaz apresenta um bronze, *Cabeça de Velho* e um busto em gesso do falecido pintor amador Torquato Pinheiro, que são dois trabalhos notaveis.

Registramos com prazer mais esta conquista dos artistas portuenses, no seu grande empenho de concorrerem para o engrandecimento e progresso da arte portugueza.

As gravuras que publicamos reproduzindo os quadros desta exposição, devemo-las á amavel cendencia do sr. Marques Abreu, proprietario da revista *Arte* e tambem um artista portuense que com notavel brilho está cultivando a *simile gravura*.

A. S.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

Os cabellos de D. Ignez de Castro

Entre os vandalismos cometidos pelos soldados de Napoleão quando invadiram Portugal, onde nada escapou á sua pilhagem e roubo, conta-se o tumulo de D. Ignez de Castro, no convento de Alcobaça, que aquella desmoralizada soldadesca profanou, na ideia de roubar o que de valor encontrasse, como de facto assim fez, revolvendo o sarcophago da *miseria e mesquinha*, espalhando pelo chão fragmentos do vestuario do cadaver e cabellos da farta trança que se soltou da caveira. Assim deixaram os soldados francezes tudo destroçado.

Algumas mãos piedosas recolheram então esses destroços como preciosas reliquias da tão formosa quanto infeliz esposa de D. Pedro, reliquias que algumas casas nobres de Portugal conservam e de que o sr. Julio Mardel, um dos maiores investigadores e colecionadores de antiguidades e coisas de arte, poude alcançar do sr. Bernardo da Fonseca Pinto da Fonseca, como se vê dos documentos que adiante seguem.

A preciosa reliquia é constituida por uma pe-

quena porção de cabellos de D. Ignez de Castro, tão loiros, como o immortal poeta cantor das nossas glorias os descreve, e nós vimos religiosamente guardados num cofresinho apropriado, de madeira escura polida, com uma gavetinha de tampa de vidro, atravez do qual se vêem os ditos cabellos.

A autenticar esta preciosidade historica possui o sr. Mardel duas cartas em extremo curiosas, que são dois documentos de valia que muito gentilmente nos deixou copiar e autorizou a sua publicação no *OCCIDENTE*, onde aliaz se encontram já tantos outros documentos valiosos da nossa historia, e que muito a proposito agora vem este, para a secção do *Centenario da Guerra Peninsular*, que desde o anno de 1908 vimos publicando.

Cópia das cartas tal qual foram escritas e declaração que as autenticam:

«Ill.^{mo} Sr. — Sô a Canalha Galuchesca podia butar fora de Leiria a vil canalha chiguei ontem com feliz successo remetolhe p.^a V.^a S.^a ver cabellos de D. Ignez de Castro que estava como quando a enterraraõ D. Pedro cru e mais Infantes e D. Brites & que tudo estava Enteiro e arastado pella Igreja tirados de seos Tuballos tudo ardidio o mais Estrago daqui athe dá Só Lastimas Leiria ainda ardendo Em chamas finalmente só vendo-o Remetame 5 ou 4 pares de Botinas porque as que servem ficão hindo Dr.^o senão tornão ahir agora sedo nos veremos pois aqui não ha que comer e pello caminho mt.^o menos que hum dia e meyo cumi eu e meus companheiros Betata e papas de Farinha mal muida mandeme Dizer Se foi entregue dos Libros que avião de vir de Lx.^a — Diogo se recomenda e Eu tambem mt.^o fiz a recommendação ao Ajud.^o de cirurgia elle me dise que ignorava que Dr.^o fosse. — Sou seu A.^o deveras e mt.^o obrigado = Visitas o Costa = Assignado = José Ant.^o da Costa. No sobrescripto, que é feito no mesmo pazel da carta, com dobra á antiga e obreira preta lê-se = Ao Ill.^{mo} Sr. Fran.^o Ign.^o Leite Velho de M.^o = G.^o Deus mt.^o annos = T.^o C.^o Comd.^o do Depozito de Tras Os montes = Penixe. — Esta carta aqui *fielmente copiada*, parece ter sido escripta n'uma folha arcançada a um livro cujas folhas haviam sido rubricadas, e no *baixo da primeira pagina*, se vê junto do n.^o da pag.^a do livro, que era 163, a rubrica que aqui vae pouco mais ou menos des.^{ta} (logar da rubrica). — Cópia da segunda carta, que estava junta, e dentro da qual foram achados os cabellos de D. Ignez de Castro n'um papel embrulhados, num pedaço d'outro dubados, e em tudo perfeitamente eguaes, aos que se conservavam em poder de D.^a Maria Rita Tenorio y Moscozo, Condessa de Lavradio, os quaes haviam sido dados pelo General Loison, quando o hospedou, á Marqueza de Angeja, na Junqueira. Segue agôra a segunda carta: = Meu Ten.^o Coronel Desejo a V. S.^a boma (sic) Saude e juntamente tenha bomas (sic) noticias da Ex.^{ma} Sr.^a D.^a Anna. — Saiba V. S.^a que aqui chigamos Ontem da nossa Conquista ahi mando a V. S.^a o Cabelo de D. Ignez de Castro, por que penço que hade gostar, agora rogo a V. S.^a me queira intregar a minha mála aese Cabo de Escoadra (sic) e Fico pronto (sic) p.^a o q̄ V. S.^a me determinar = Deste Seu Subdito (sic) (assignado) João Wager Russel = Caldas da Rainha M.^o 1811. — No papel em que vinham embrulhados os cabellos, na 1.^a dobra, como eu imitei, (vid embrulho junto,) para os q̄ me deu o Senhor Bernardo da Silveira, Pinto da Fonseca, actual Senhor da Casa de Varzêa, e dos Silveiras, vinham os versos seguintes:

«Até das cinzas dos mortos
«São os Francezes llagellos
«Despujando a bella Castro
«Dos que vez, louros Cabellos.

Estes versos foram feitos, segundo tradição de familia, por D. Maximiana da Silveira, Senhora d'esta illustre familia.

As duas cartas acima transcriptas bem como os versos juntos, são copia fiel das que existem no archivo d'esta Casa, a acompanhar os cabellos de D. Ignez de Castro, que aqui se conservão, e dos quaes dei alguns ao Senhor Julio Mardel, que me pediu esta declaração. — Varzêa, Lamego 30 agosto 1909 — Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca. (Logar do brazão d'armas.)

Como testemunhas de q̄ esta é a assignatura do Ex.^{mo} Sr. Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca; e q̄ estando nós em Varzêa, assistimos á dadiva a que se referé, documento junto. — Quinta da Varzêa, Lamego 30 de Agosto de 1909. — José Eusebio Ricon y Peres — Fernando de Araújo.

O testamento de Alexandre Herculano

E' documento de toda a importancia para registrar neste arquivo da historia, o testamento de Alexandre Herculano, principalmente pelas disposições que contem relativas á propriedade das suas obras literarias, impressas e publicadas, e bem assim do que deixou inédito, em manuscrito, como no mesmo declara.

Eis o seu testamento;

«Saibam quantos este publico instrumento de testamento virem que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos setenta e sete aos doze de setembro do dito anno e ás tres horas da manhã, nesta quinta de Valle de Lobos e casa de morada de Alexandre Herculano, onde vim eu tabellião a seu chamado, estando presente o mesmo doente de cama e é proprietario, casado e maior que reconheço pelo proprio de que dou minha fé, bem como a dou do mesmo estar em seu prefeito juizo, entendimento, plena liberdade e livre de toda e qualquer coacção segundo o meu parecer e das testemunhas ao diante nomeadas que presente estavam, e comigo se conformaram e me declararam conhecer o outorgante testador e destas tambem serem as proprias egualmente dou minha fé: e na minha presença e na das testemunhas pelo outorgante testador Alexandre Herculano foi dito que quer fazer o seu testamento e disposição de ultima e livre vontade pela maneira seguinte:

Declara que é casado com Dona Marianna Herminia Meira.

Que não tem ascendentes nem descendentes; Que os bens que possui não estão sujeitos a direitos de transmissão.

Declara que nomeia e institue por sua unica e universal herdeira de todos os seus bens, direitos e acções que existirem á hora do seu fallecimento a sua mulher D. Marianna Herminia Meira com excepção dos seguintes legados:

Declara que deixa como legado a seus irmãos D. Maria d'Assumpção de Carvalho Galhardo, moradora em Lisboa, casada com Joaquim Antonio Rodrigues Galhardo e José Felix de Carvalho e Araujo, residente no Porto, a propriedade literaria das seguintes publicações: *Historia de Portugal*, *Eurico e Presbytero*, *Lendas e Narrativas*, *O Monge de Cister*, *Poesias*, incluindo a *Arpa do Crente*, *Historia da Inquisição em Portugal* e a cada um em partes eguaes.

Determina que a quantia que a Academia Real das Sciencias lhe deve pela venda que elle testador lhe fez do manuscrito do *Diccionario de Ramalho*, á proporção que se fôr recebendo seja metade para sua mulher, e a outra metade seja para os seus ditos dois irmãos e em partes eguaes para cada um.

Deixa tambem como legado cem mil réis ao seu criado José Antunes.

Deixa como legado cento e cincoenta mil réis ao criado Francisco Philippe e isto pelos bons serviços que lhe tem prestado.

Declara que nomeia para seus testamentarios a João Pedro da Costa Basto e a João Maria Galhardo, lente da Escola Naval e o primeiro official maior da Torre do Tombo.

Deixa como legado aos ditos testamentarios a sua livraria tanto dos livros existentes em Valle de Lobos como na Ajuda para que elles a dividam entre si como melhor entenderem.

Deixa mais como legado aos mesmos testamentarios a propriedade literaria dos tres volumes dos opusculos, e de todos os massos, pastas e rolos de manuscritos que existirem nas gavetas em as suas livrarias, para dividirem entre si tambem como entenderem e lhes recomenda que qualquer livro que encontrem ou papeis que reconheção que não pertence a elle testador os entreguem a seus donos.

Que os seus testamentarios ficam autorizados a fazer quaesquer publicações de artigos de jornaes ou folhetos avulsos que não seja dos livros cuja propriedade literaria já fica nomeada.

Determina que o seu funeral seja á vontade da sua herdeira.

E por esta forma ha por concluido o seu testamento e disposição de ultima e livre vontade e por este revoga qualquer outro que com anterior data haja feito e só quer que este produza os devidos efectos.

Em fé e testemunho da verdade assim o outorgou e testou perante as testemunhas que sempre estiveram presentes Antonio Mendes Pedroso, cirurgião, casado, Antonio dos Santos, cirurgião, casado, moradores em Santarem; José Alexandrino de Avellar, cirurgião, solteiro, morador em Lisboa; Paulino da Cunha e Silva, proprietario,

casado, de Alcanhões e José Candido dos Santos, proprietário, casado, morador na quinta da Granja concelho de Villa Franca de Xira, todos maiores, cidadãos portugueses que assignam com o outorgante testador sendo primeiro este escripto e lido em voz alta perante todos por mim tabellião que dou fé de se terem praticado e cumprido em acto continuo todas as formalidades da lei e dizer o testador que estão conforme.

Henrique Julio Dias, tabellião, o escrevi e assigno em publico e raso. Logar do signal publico. Em testemunho da verdade: Henrique Julio Dias, A. Herculano, Antonio Mendes Pedroso, Antonio dos Santos, José Alexandrino de Avellar, Paulino da Cunha e Silva e José Candido dos Santos. Extrahido bem e fielmente do proprio livro de minhas notas a que me reporto em meu poder e cartorio e dou para titulo da Excellentissima herdeira — Henrique Julio Dias tabellião o subscrevi e assigno em publico e raso. Logar do signal publico. Em testemunho da verdade, Henrique Julio Dias. Verba do sello numero duzentos cincoenta e nove. A folhas vinte. Pagou de sello mil e duzentos réis pelas duas meias folhas deste testamento. Santarem, vinte e dois de setembro de mil e oitocentos setenta e sete. Pelo escrivão de fazenda A. C. C. Barbosa. Pelo recebedor J. P. Soares.

Acha-se este testamento registado na administração do concelho de Santarem, no livro III, folhas 2 verso.

A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1128)

O doutor riu-se da chalaça por conhecer já a jocosidade de Peter, e como falava quasi sempre os marinheiros mesmo no meio dos perigos. Já sabia que os meus companheiros o estimavam e assim o manifestou dizendo:

— Sois bons rapazes e estou deveras reconhecido a Dolly, que me vai fazer o favor de metter a mão no bolso do meu casaco, e tirar-me de lá um frasco de cognac para beber um golo á sua saude. Não se ralem comigo e lembrem-se que teem de ir agora entrevistar Czerny. Talvez fosse melhor ir o senhor, capitão.

Disse-lhe que estava disposto a ir, mas observei:

— Quando chegar o momento opportuno.

Eu bem sabia que não era aquella a occasião propria de o fazer, pois ouvia por cima da nossa cabeça, as passadas de homens que andavam de um lado para o outro. Mas quando fosse preciso, não recuava ante o perigo pois desejava salvar os meus companheiros.

Todos nós tinhamos ainda nos bolsos alguma bolacha, e, como no meu frasco ainda havia agua, sentámo-nos para ali, e começamos devorando a pequena refeição.

Cada vez me convencia mais de que Duncan Gray tinha razão em querer que fosse eu proprio falar a Czerny, visto que as provisões de bóca começavam a escassear.

Portanto não havia mais remedio senão entender-me com Edmundo e dizer-lhe francamente, o que precisavamos, e caso nos negasse, só nos restava aquella sonno de que talvez não despertassemos mais.

Passamos a tarde dormitando mas sempre em sobresalto. De vez em quando sentiamos falar os nossos visinhos e os ruidos do mar batendo de encontro á rocha.

Morada mais notavel do que aquella não era facil encontrar em nossa vida.

Pareciamos assim uns animaes encurralados n'aquella jaula de pedra, a uma milha da costa, e sabe Deus o que teriamos ainda que passar.

A's dez horas da noite deixou de se ouvir aquelle bulicio que tanto nos inquietára de dia, e foi quando a voz do mar se tornou mais violenta e me fez comprehender que não seria facil perceberem-se as minhas passadas.

— Vou ter com Czerny — disse eu aos meus companheiros — e ha de attender-me por força. Farei tudo que puder em nosso favor, tende a certeza, e, se não voltar... ficai sabendo que é porque não posso. Bóas noites. Temos navegado juntos por esses mares e espero que o continuaremos a fazer.

Todos me estenderam a mão com aquelle affecto que eu lhes conhecia.

Subi a escada e levantei o alçapão.

Estava finalmente em casa de Czerny mas estava só.

Quando sahi para fóra do alçapão julguei que me encontraria n'alguma dependencia particular, e suppunha encontrar alguns guardas de Czerny promptos a interrogarem-me.

Mas não succedeu assim.

Apezar de haver lampadas por toda a parte, o sitio em que me encontrava era uma caverna circular, com toscas aberturas nas paredes tapadas com reposteiros em substituição de portas.

Isto fez com que ficasse perplexo sem saber para onde me dirigir. Ouvia vozes aqui e ali, mas não sabia a direcção a tomar nem quaes eram as entradas que devia evitar.

(Continúa)

RICARDO DE SOUZA.

Conde de Macedo

NECROLOGIA

Fernando Leal

Lá na India, onde nasceu, não ficará esquecido na boa terra portugueza, por onde passou, quasi como um meteoro, ha uns trinta annos.

Então todos aqui o conheceram pelo seu talento, quando transpôs para a lingua de Camões, os versos do grande Victor Hugo da *Lenda dos Seculos*, que só um poeta de raça poderia interpretar com a pujança com que elle o fez.



FERNANDO LEAL

Publicou por esse tempo o OCCIDENTE (1) aquella celebre poesia de Victor Hugo, *O Sapo*, superiormente traduzida por Fernando Leal, deu a publico mais algumas produções suas espalhadas por jornaes e revistas. Traduziu, com o profundo conhecimento que tinha da lingua de Rousseau, o livro de Méry, *Elefantes e monstros*. Em francès e sob pseudonimo escreveu um opusculo celebre *Lettre á Mademoiselle Marie Denis sur l'immortalité parisienne*.

(1) Vid. OCCIDENTE, vol. I, 1878, pag. 151, n.º 19.

Depois desapareceu de Lisboa voltando para a sua terra natal, e de lá escreveu por 1890 as suas satiras contra a Inglaterra, por occasião do celebre *ultimatum*.

Parecia ter posto de parte a lira, quando ha uns dois annos voltou á poesia preparando um novo livro de sonetos, e lá da India não se esqueceu dos que nesta mãe patria admiravam o seu talento, e enviou um desses sonetos ao nosso prezado amigo e colaborador sr. Ribeiro Arthur, que amavelmente o cedeu para ser publicado nesta revista a paginas 14 do volume de 1908. Soneto primoroso á memoria do genial e malogrado pintor Silva Porto, por quem Fernando Leal tinha a maior admiração.

Infelizmente a morte colheu o poeta no seu, talvez, melhor sonho, ao despontar duma primavera, sob os palmares perenes daquelle encantado país, nos primeiros dias do ultimo abril.

Fernando Leal nasceu em Margão por outubro de 1846. Ainda novo, alistou-se no antigo regimento de engenharia de Nova Góa, matriculando-se ao mesmo tempo na Escola Militar do Estado da India. Fez parte como voluntario da expedição contra o Bonga da Zambesia, nomeado segundo tenente da expedição.

Foi ajudante de campo do governador de Moçambique. Depois nomeado secretario da missão diplomatica enviada ao Transvaal, para negociar um tratado de commercio, de limites e de amizade.

Em 1874 foi transferido para o exercito do reino e aqui se demorou alguns annos, voltando por fim para a India, nomeado administrador dos Bens Nacionaes de Assolná, cargo em que se conservou até sua morte.

A India perdeu um dos seus mais distinctos filhos e as letras portuguezas um dos seus mais talentosos cultores.

A 13 deste mez faleceu em Lisboa o sr. conde de Macedo, illustre professor da Escola Politecnica, ministro de estado honorario, par do reino e diplomata de larga carreira.

Era uma das figuras mais proeminentes e de maior valor da sociedade portugueza, onde tanto se distinguia pela nobresa do seu character, como por seu talento enriquecido de vasta illustração, com que conquistou os eminentes logares que occupava na sciencia, na politica e na diplomacia.



CONDE DE MACEDO

Henrique de Macedo Pereira Coutinho, conde de Macedo, por decreto de 30 de julho e carta de 19 de setembro de 1890, nasceu em Verride, concelho de Montemor o-Velho, a 6 de setembro de 1843, filho de Antonio de Macedo de Sousa Pereira Coutinho Menezes, par do reino, e de D. Maria Augusta da Cunha Portugal e Menezes, de nobre estirpe.

Cursou a Universidade de Coimbra onde tomou o grau de bacharel em matematica, e sendo ainda estudante, concorreu á cadeira de matematica da Escola Politecnica, ficando lente substituto, por decreto de 22 de abril de 1863, passando a lente proprietario da terceira cadeira, por decreto de 23 de maio de 1883.

Para o concurso desta cadeira escreveu a tésis, *No estado actual da sciencia geodesica como procederia para obter a grandeza do metro?*

Exerceu o logar de ajudante do Observatorio da Escola Politecnica e do da Ajuda. Em 1865 alistou-se no partido progressista, sendo eleito a

